

Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF): formação, comunicação e socialização política¹

Pablo Nabarrete Bastos²

Universidade Nove de Julho - UNINOVE

Resumo

Este artigo apresenta resultados de tese de doutorado desenvolvida, entre 2010 e 2015, sobre a formação política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O foco deste artigo é o nível de luta pela hegemonia da/na educação. Utiliza-se o método dialético e são aplicadas técnicas qualitativas, entrevistas semiestruturadas, com lideranças do MST, e pesquisa antropológica na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). A ENFF, localizada no bairro de Parateí, município de Guararema, Estado de São Paulo, é um dos principais espaços de formação política dos movimentos sociais da América Latina. Constitui também espaço estratégico para a formação, comunicação e socialização política entre a classe trabalhadora do campo e da cidade.

Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); formação política; hegemonia popular; campo e cidade.

Introdução

Este artigo apresenta resultados de tese de doutorado, desenvolvida entre 2010 e 2015, com o objetivo de compreender como se desenvolve historicamente a relação e articulação política entre o MST e a cidade, entre trabalhadores rurais e urbanos na luta pela hegemonia popular, a hegemonia da classe trabalhadora (BASTOS, 2015). E o que representa esta relação para a formação, a força, a prática e luta política dos Sem Terra³. O que implica compreender a capacidade dialógica do MST, a disposição e intencionalidade pedagógica e comunicativa para as alianças políticas e de classe com o trabalhador urbano. A pesquisa identifica quatro principais níveis de luta pela hegemonia: hegemonia do/no espaço social, hegemonia da/na comunicação, da/na arte e cultura e hegemonia da/na educação. O foco recai no espaço de fronteira política, lugar da alteridade, de encontro, desencontro e contradição, onde há maior potencial para o desdobramento da comunicação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenador e professor do curso de Comunicação Social-Publicidade e Propaganda, da UNINOVE. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

³ Sem Terra em maiúsculo, nome próprio, refere-se aos militantes do MST, enquanto sem-terra é designação genérica do trabalhador rural desprovido de terra (FERNANDES, 2000).

política emancipatória, para a integração crítica e a luta contra-hegemônica, desde que reconhecido este espaço comum de comarginalidade. Hegemonia concebida fundamentalmente a partir do conceito primário formulado por Lênin e desenvolvido posteriormente por Gramsci: de aliança de classe e unidade política-ideológica-moral entre a classe trabalhadora, operários e camponeses, formação política e popular necessária para a construção da hegemonia popular e do socialismo. O foco deste artigo é o nível de luta pela hegemonia da/na educação e comunicação.

Utilizamos o método dialético e aplicamos técnicas qualitativas, entrevistas semiestruturadas, com os dirigentes e militantes, e também realizamos pesquisa antropológica nas vistas à ENFF. Além das visitas aos sábados, quando a Escola é aberta ao público, participamos do dia de conclusão da etapa I, da V Turma do Curso de Teoria Política para os Movimentos e Organizações Sociais do Brasil, quando pudemos vivenciar um dia inteiro de atividades com a militância de movimentos rurais e urbanos e participar de uma oficina de comunicação. Também visitamos a escola em outras oportunidades, durante a semana, para entrevistar dirigentes e integrantes da Coordenação Política Pedagógica (CPP) da ENFF.

Com o avanço da pesquisa e conhecimento sobre o tema, a composição do corpus teórico, em diálogo com o objeto de pesquisa, passou a se erigir em torno de três eixos de análise: o viés dialético materialista aliado à tendência crítica dos estudos culturais, a perspectiva materialista sobre a produção do espaço social e os estudos de comunicação sobre o MST.

As instituições educacionais são os principais agentes de transmissão e incorporação da cultura dominante (WILLIAMS, 2005, p. 217). Conforme Gramsci, é principalmente a partir da formação de novos intelectuais que se pode mudar o panorama ideológico de uma época. Indubitavelmente, este é o nível hegemônico primordial tanto para a reprodução da cultura dominante como para a construção da hegemonia popular, para a prática da educação libertadora que possibilite, freireanamente, eticizar o mundo. A oposição entre campo e cidade existe no âmbito da propriedade privada e a superação dessa oposição é condição para a coletividade (MARX, 2012, p. 83).

ENFF: formação, comunicação e socialização política

A ENFF é a escola de formação política avançada do MST. Os participantes dos cursos, indicados por suas organizações ou núcleos de origem, já passaram por formação básica e são potenciais quadros políticos para atuar em suas bases. Ana Justo Pizzeta (2005,

p. 40) explica que a formação das lideranças sempre se deu a partir de seus núcleos de origem, da realidade concreta na qual estão inseridas.

O processo de construção da ENFF possui relação direta com a evolução da pedagogia, da formação política e do Setor de Educação do MST. O início da ENFF remete ao final da década de 1980 e início da década de 1990. Na segunda metade da década de 1980, criam-se outros espaços de formação e socialização política, como as escolas sindicais, cursos periódicos de formação política desenvolvidos com o movimento sindical, vinculado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) (FERNANDES, 2000, p. 175).

A partir de 1988, o Setor de Formação Nacional torna-se o responsável pela formação política ideológica, tendo como objetivo central a formação da consciência organizativa, com o tema Teoria da Organização, sob a metodologia de Laboratórios Organizacionais de Centro e Laboratórios Organizacionais de Campo (PIZZETA, 2005, p. 42). Em 1990, surgiu a primeira oportunidade de constituir-se uma escola nacional. Foi a partir de uma estrutura da Igreja Católica, na cidade de Caçador-SC, que se constituiu na primeira escola de formação do MST, denominada CEPATEC - Centro de Formação e Pesquisa Contestado, considerada a primeira Escola Nacional do MST, germen da Escola Nacional Florestan Fernandes (ibidem, p. 44). O processo de formação foi dimensionado para atender principalmente às necessidades de qualificação dos setores.

Em 1995, surge o Iterra, na cidade de Veranópolis, Rio Grande do Sul, com foco maior em ensino técnico e profissionalizante, sem descuidar da formação teórica e política que caracteriza a pedagogia do MST. Em 2001, a escola passa a se chamar Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC). O processo de formação do MST busca formar os indivíduos em diferentes níveis - formação de base, militantes, dirigentes e quadros - para que intervenham na realidade, transformando-a e construindo-se novos sujeitos, individuais e coletivos. Uma das principais preocupações do MST é a formação política e ideológica da base, por meio do estudo, trabalho e da relação com a realidade. O trabalho é elemento central da cultura e da pedagogia Sem Terra. No início da sua trajetória, quando ainda não possuía massa crítica consistente para desenvolver seus processos de formação política e ideológica, o MST desenvolvia atividades formativas em parceria com o movimento sindical, a igreja e entidades do campo popular. No início, as atividades de formação adquiriram um caráter de agitação e propaganda para mobilizar as massas contra a violência ao trabalhador rural e para motivar as bases para as ocupações (ibidem, p. 40).

Com o 3º Congresso Nacional do MST e as mudanças na perspectiva e dialogia da luta, apresenta-se a necessidade histórica de avançar e diversificar as metodologias dos processos de formação, destacando-se o debate com a sociedade sobre a reforma agrária e a solidariedade com outras categorias. Em 1996, tem início o Curso de Formação de Formadores, curso também oferecido na ENFF, que possui o objetivo de capacitar as lideranças para o trabalho de base nos estados. Em 1999, há o marco para a parceria com universidades, com a realização de cursos de extensão, principalmente sobre realidade brasileira e latino-americana, para a formação de quadros, qualificação da militância, dirigentes e formadores (PIZZETA, 2005, p. 47).

Desde 1996, o MST começou a refletir sobre a necessidade de construção de uma escola nacional geograficamente central. Os militantes mais antigos contam que era muito frio nas Escolas do sul do país, além de ser muito difícil o deslocamento para o pessoal das regiões norte e nordeste. Em 1998, é lançado o Caderno de Formação nº 29, com o título “Campanha de Construção da Escola Nacional do MST”. Na apresentação do Caderno, é explicado que deliberaram no VIII Encontro Nacional, ocorrido em Salvador, a proposta de fazer um desafio ao MST a cada ano. Em 1996, o MST de vários estados compraram suas sedes. Em 1997, compraram a sede da Secretaria Nacional, em São Paulo. E, 1998, deveria marcar a construção da Escola Nacional, que seria o símbolo da luta pelo estudo e escolarização. A ideia central da cartilha era “**transformar a Campanha em uma grande Escola**” (MST, 1998).

Houve duas grandes campanhas organizadas pelo MST para a construção da ENFF. A primeira foi interna, com o objetivo de conscientizar e organizar a militância para o trabalho e a arrecadação de recursos. Foram apresentados cinco grandes objetivos para a construção da ENFF, que vamos expor resumidamente: buscar a prática intelectual e científica para a transformação da sociedade; estimular a organização social, política e econômica para superar os desafios internos da reforma agrária; formar lideranças que contribuam para a construção de uma sociedade justa; capacitar tecnicamente os militantes da reforma agrária; e, finalmente, destacamos: “**proporcionar o intercâmbio de conhecimentos e experiências com outras organizações de trabalhadores, rurais e urbanos**” (MST, 1998, p. 15). Esse objetivo, apresentado na cartilha como o quarto, expressa o objetivo de que a Escola seja o espaço de formação, comunicação e socialização política entre a classe trabalhadora do campo e da cidade.

A outra grande Campanha para a ENFF foi externa, com a exposição do “Projeto Terra”, com as fotografias de Salgado, o CD produzido por Chico Buarque e o Livro Terra, que contou com a contribuição do escritor português José Saramago. O “Projeto Terra” se tornou o maior símbolo da “Campanha de Construção da Escola Nacional Florestan Fernandes”. O “Projeto Terra” foi o principal elemento comunicativo da campanha nacional e internacional, que projetou mundialmente o MST e trouxe recursos de organizações, inclusive internacionais, para a construção da Escola. A maior parte dos recursos veio da solidariedade de Sebastião Salgado, que doou as imagens ao MST. A definição e compra do terreno se deu em julho de 1998 e as obras se iniciaram em 22/03/2000, com a chegada da 1ª Brigada, vinda do Estado do Mato Grosso do Sul. O ato de inauguração foi em 23/01/2005, após cinco anos de muito aprendizado coletivo, cultural e político. A Escola foi construída de forma voluntária seguindo a pedagogia do MST, com alternância, estudo, mística e luta.

As visitas à ENFF

A pesquisa antropológica realizada na ENFF teve como intuito conhecer o cotidiano da escola, a consubstanciação do projeto pedagógico, os visitantes, amigos, parceiros, o diálogo e a relação entre os militantes de diferentes movimentos sociais que frequentam, vivem e convivem no espaço. A maioria dos movimentos sociais que participam dos cursos da escola compõe a Via Campesina Brasil, a quem eles chamam carinhosamente de “primos”. De fato, na genealogia desses movimentos podemos compreender uma “linha de parentesco”, sobretudo na relação umbilical com a terra, o território e a natureza.

Os cursos na ENFF costumam durar 20 dias, depois os camponeses retornam às suas comunidades e voltam para estudar mais na escola. Esse regime da alternância é bastante importante para formar um olhar mais universal na luta do Sem Terra, construído no diálogo com outras culturas e outras realidades, possibilitando identificar a universalidade de classe, a luta de classes e a unidade entre a classe trabalhadora.

As oito visitas que fizemos à ENFF, as entrevistas, a participação em rodas de conversa, rodas de violão, a participação nos cursos foram essenciais para conhecer “de perto e de dentro” o MST, como preconiza a etnografia. Os dias passados por lá proporcionaram a imersão no cotidiano da ENFF, possibilitando-nos compreender algumas características das relações ali construídas, que envolvem laços políticos e de afeto. Conheci e conversei com militantes de diversas organizações. A maioria do MST, mas

também gente do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), do Levante Popular da Juventude, do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), Movimento Moradia Para Todos (MMPT), entre outros. Algo que marcou esse período de convivência e sociabilidade é o caráter coletivo do espaço. Juntamente com “companheirada” o que mais se ouve na ENFF é a palavra organização. Organização do MST, organizações dos trabalhadores, organização dos espaços, das tarefas e, o mais importante, o pertencimento a uma organização. Esse é o elemento central de sociabilidade na ENFF.

Todos os que realmente passam pelo tempo escola, ou seja, que ficam uma temporada na ENFF, 20 dias, um mês, dois meses, a depender do curso, são vinculados a alguma organização. Não que o indivíduo não seja importante, mas o pertencimento a algum coletivo é condição preponderante para participar das atividades da Escola, para fazer parte dela. As primeiras palavras no encontro entre sujeitos desconhecidos, depois dos tradicionais “opa” e “tudo bem”, invariavelmente são “de que organização você é?” Ser pesquisador não cria o pertencimento ao pedaço. Sente-se um pouco estranho, deslocado, mas, aos poucos, desenvolve-se a sociabilidade, principalmente pelo característico bom humor e companheirismo que predominam. Contudo, o ambiente não é predominantemente de festa e amizade. Nos cursos, exige-se muita disciplina. O ritmo do cotidiano da Escola é quase militar, sem, contudo, perder a música, a mística e o sorriso da militância. Os horários devem ser seguidos à risca: o horário da mística, do estudo, das aulas, do almoço, das aulas novamente, do café e da janta.

Os sábados são os dias abertos para os visitantes na ENFF. A programação dos dias de visita é a seguinte: 8h30 às 9 horas: Boas vindas; 9:00 às 12:00: Ciclo de Debate; 12 às 14 horas: Almoço; 14 às 16 horas: Visita monitorada às instalações da ENFF. Cobra-se o valor simbólico de R\$ 10,00 para o dia da visita, correspondente ao café da manhã e almoço. O vídeo da ENFF, exibido nas visitas, se chama “ENFF: uma escola em construção”, esse é o lema da Escola, que reflete o espírito do espaço: pessoas em permanente construção.

Nas atividades da ENFF, há sempre um violão por perto e alguém tocando. O MST é muito musical. Além das músicas compostas pela militância, também são tocadas muitas canções da música popular brasileira e do rock nacional, de Alceu Valença, Milton Nascimento e Titãs, entre outros, e também presenciamos o rap do Veneno H2, grupo composto por jovens militantes do MST. A mística e a música estão presentes até na sala de aula. Esse foi um dos aspectos que mais nos impactou ao participarmos de cursos na ENFF.

Embora exista vasta produção e fomento à produção artística, a cultura é vista principalmente como meio para implementar as estratégias de luta do movimento, para construir e consolidar valores humanistas e, em última instância, construir o socialismo.

Ao chegar à ENFF, as imagens são impactantes. Os temas dos diversos graffiti representam a mística revolucionária latino-americana, como o que ilustra o muro de entrada da ENFF e simboliza a união das etnias e movimentos sociais latino-americanos. É um lugar muito bonito, bem cuidado, cheio de imagens e símbolos de luta, que depois fui entender serem parte da mística do MST. Não somente do MST, mas da mística revolucionária latino-americana. Esse é uma constatação importante para os objetivos da nossa pesquisa: a organicidade e o intercâmbio com organizações, entidades e movimentos populares latino-americanos e internacionais é muito maior do que com movimentos sociais urbanos, praticamente vizinhos à Escola. João Paulo Rodrigues⁴ faz crítica incisiva ao uso que organizações de esquerda fazem da ENFF que, para o dirigente, ainda não souberam aproveitar o espaço politicamente.

O MST escola, cá entre nós, é mais aproveitado pela Via Campesina, pela consulta popular, a Marcha das Mulheres também. As organizações em muitas escolas é mais como uma casa de retiro. “Ah vou levar meu povo para conhecer a escola e ficar dois dias lá”. Aquilo ele pode fazer em qualquer hotel. Uma pousada política. Não tem nada a ver. (...) A escola não é para isso, fazer pousada barata para quem quer. Não é esse sentido. Tem uma disciplina, um processo, um método pedagógico. Não conseguimos fazer com que a escola fosse melhor aproveitada pelas esquerdas.

Na maioria das vezes em que visitei a ENFF, cheguei bem cedo, antes das 08h, para poder participar da mística e do café da manhã. Podemos dizer que todo momento de alimentação junto aos militantes, amigos e parceiros do MST constitui um ato místico e político. Místico pela consagração e consumo coletivo do alimento; e político pela constatação de que é possível outro modelo de agricultura. Os momentos de alimentação na ENFF também são grande oportunidade para a pesquisa etnográfica. Durante esses momentos, pudemos nos aproximar mais do público da escola, participar das conversas informais, mergulhar e vivenciar junto às pessoas o espaço social, cultural e simbólico. Ao proporcionar, na prática, alimentos saudáveis a todos com preço baixo, o MST mostra ser possível concretamente o modelo de agricultura popular que defende: produção de alimentos sem veneno, com matriz tecnológica agroecológica e a preço baixo para a classe

⁴ A entrevista nos foi concedida no dia 01/04/2014, na Secretaria Nacional do MST, em São Paulo.

trabalhadora. Sempre há frutas, legumes, hortaliças, compotas, geleias e sucos produzidos pelas cooperativas dos assentamentos do MST. Esse é um assunto que costuma fazer parte das rodas de conversa: a diferença entre o modelo proposto pelo MST, movimentos sociais camponeses e Via Campesina e o modelo hegemônico da agricultura capitaneado pelo agronegócio. Em uma das visitas, quando estava na fila do almoço conversando sobre os impactos do agronegócio na nossa saúde com um jovem camponês, que faz parte da Brigada Apolônio de Carvalho e já passou por brigada na Bolívia, ele disse que comer tomate produzido pelo modelo hegemônico era igual “beber veneno”. Ele interpretou a cena: mostrou como se estivesse com um tomate na mão torcendo esse tomate e bebendo o veneno.

Compreendemos a mística do/no MST de três maneiras que se interpenetram na prática social: primeiramente a mística reúne todo campo sócio, a simbologia de luta do MST construída e apropriada durante a trajetória de luta: a bandeira, o hino, palavras de ordem, as poesias, músicas, os instrumentos e frutos do trabalho, dessa maneira, a mística também compõe os processos comunicativos e pedagógicos do MST. Mais subjetivamente, a mística é o sentimento que anima a luta, que dá prazer, que emociona o militante ao marchar, ao ouvir uma história de luta, música ou poesia, portanto, nesse aspecto, a mística é a subjetivação dos estímulos sócio. Para finalizar, existe o espaço-tempo da mística, o ato comunicativo-pedagógico-cultural-artístico, um ritual quase litúrgico, em que a militância do MST ou de outros movimentos sociais, como ocorre na ENFF, elabora uma prática que envolve diversas linguagens: a música, a poesia, o teatro, imagens, palavras e símbolos que se relacionam com as lutas do MST, dos movimentos camponeses e da classe trabalhadora de forma geral. O hino e a bandeira do MST estão sempre presentes como símbolos máximos desse momento. Para Ademair Bogo⁵, a mística é a maior expressão da cultura do MST. John⁶, do grupo de rap Veneno H2, descreve assim a mística:

Muita gente não conhece. Mas no Movimento a questão cultural é muito grande. Na questão da música, da arte, o artesanato. A mística é também muito forte dentro do movimento. Não é uma representação só. A mística é aquilo que você vê e te causa indignação, você arrepiã, assim, vendo aquilo. E é denúncia, faz denúncia das coisas, é legal. **Na verdade, a mística foi a única coisa que a elite não conseguiu se apropriar**, porque não

⁵ Entrevista disponível em:

<http://www.piratininga.org.br/novapagina/leitura.asp?id_noticia=2135&topico=Entrevistas>. Acesso em: 14/07/2012.

⁶ Os integrantes do Veneno H2 nos concederam entrevista no dia 21/09/2011, em imóvel que o MST alugava no bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo.

consegue mexer lá na indignação das pessoas. Porque é o que a mística faz.

A comunicação da mística como ritual não é imediata. Pode se sentir, mas não se compreende o sentido da mística para o MST em um primeiro momento. É preciso um conjunto de mediações, o conhecimento da história, da cultura e das práticas do MST para a intelecção dessa prática. Por isso, nos dias de visita à ENFF, a ânsia de algumas pessoas em fotografar e filmar a mística, o encantamento demonstrado, envolve um distanciamento cultural, a exaltação da beleza do ato místico como algo exótico, folclórico, na acepção politicamente negativa do termo. Michel de Certeau, Dominique Julia e Jacques Revel (1989, pp. 59-60) mostram como a moda das canções populares ao final do século XVIII, na França, partia da concepção elitista, do “confisco” histórico do popular. “O prazer sentido no halo “popular” que envolve essas melodias “ingênuas” funda justamente uma concepção elitista da cultura. A emoção nasce da própria distância que separa o ouvinte do suposto compositor”.

Todos os dias, na ENFF, às 07h45, é o momento da mística. No Iterra eles chamam esse momento de Tempo Formatura. Sempre um Núcleo Base (NB) é responsável pela preparação da mística. Para a vivência das atividades pedagógicas, os alunos se organizam em NBs. É a maneira encontrada para se organizarem nos estudos e nas tarefas da Escola. Há momentos em que se realizam simultaneamente diversos cursos na ENFF, com turmas e movimentos sociais diversos. A mística é o momento de socialização entre todos os que estão na Escola, por isso aproveitam esta situação para darem os principais informes do dia, a organização das atividades, aulas, tarefas etc. Na maioria das místicas que presenciamos há diálogo com a data e o momento histórico. Como no dia 27 de junho de 2014, durante a Copa do Mundo no Brasil, no Encontro do Coletivo Nacional de Comunicação, Cultura e Juventude, na ENFF, quando os jovens do Coletivo fizeram uma mística em que encenaram, a partir de personagens opressores e oprimidos, as contradições históricas, sociais e culturais da realização do evento no País. Uma peça didática, brechtianamente, com o traço e a mística do MST. Esse diálogo com o momento histórico fortalece o potencial comunicativo e pedagógico da mística. Com a participação cada vez maior da juventude, o diálogo intercultural entre campo e cidade se torna mais efetivo. Dirime-se aos poucos o polêmico debate que envolve a negação absoluta de tudo o que vem da cidade, a valorização incondicional das tradições culturais camponesas e a crescente aproximação entre o rural e o urbano. Essa aproximação se deve principalmente a três processos: a espacialização do capital e do MST, que aproximam materialmente e simbolicamente o

campo e a cidade, a formação teórica nos setores de comunicação, cultura e formação, com foco no conceito de hegemonia gramsciana, e as experiências comuns entre a juventude do campo e da cidade, cada vez mais próximas.

Quando perguntamos à Simone⁷, da CPP da ENFF, se a comunicação com outros movimentos sociais era feita pela internet, ela respondeu que não, que era feita pelos intercâmbios, pelos encontros políticos presenciais, em fóruns e conferências, que assim era muito melhor para conversar.

Núcleos de Estudo

Há três grandes núcleos de estudo na ENFF: “Núcleo de teoria latino-americana”, “Núcleo de Teoria Política” (com foco da realidade brasileira” e o “Núcleo de cursos formais”, que ocorrem em parceria com universidades. Há proposta de um “Núcleo Urbano” que ainda não prosperou. O Levante Popular da Juventude é o principal parceiro dessa empreitada. Simone, da CPP, entende ser importante que os movimentos urbanos tenham também o seu protagonismo para fortalecer a classe. E destaca as ações do Movimento Passe Livre e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

A prática pedagógica do MST se baseia em “tempo escola”, “tempo comunidade” e “tempo trabalho”. O “tempo escola” é o tempo do estudo propriamente dito, o tempo de sala de aula, de leituras e discussões em grupo. O “tempo trabalho” é o tempo que os NBs dedicam para cuidar de alguma atividade para a Escola. Geralmente, são duas horas por dia de “tempo trabalho” em que dividem tarefas de limpeza, serviços, manutenção e cozinha. É de grande valor pedagógico pela sociabilidade construída em torno do trabalho voluntário. O “tempo comunidade” é o momento em que os militantes retornam às suas bases para multiplicar o que aprenderam com a militância do seu território e fazer o trabalho de base. Os cursos informais geralmente são feitos em três etapas de “tempo escola” com 20 dias cada uma, intercaladas com três meses de tempo comunidade, em que desenvolvem algumas tarefas estabelecidas no “tempo escola”.

V Turma de Teoria Política e Organizações Sociais do Brasil

A V Turma de Teoria Política e Organizações Sociais do Brasil teve a seguinte configuração: MST = 17 (nove homens e oito mulheres); Pastoral da Juventude Rural (PJR) = (uma mulher); MAB = quatro (um homem e três Mulheres); Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) = dois (um Homem e uma Mulher); Movimento dos Trabalhadores

⁷ A entrevista nos foi concedida no dia 03/04/2014, na ENFF.

Desempregados (MTD) = dois (dois homens); Movimento Moradia Para Todos (MMPT) = 3 (um Homem e duas Mulheres); Movimento de Trabalhadores do Campo (MTC) = (um homem).

A turma foi dividida em cinco NBs. O último dia de curso, 11/04/2014, iniciou-se com uma aula sobre Florestan Fernandes, ministrada por Miguel, da Editora Expressão Popular. Logo no início, destacou-se no ambiente a presença da mística do MST. Havia um violão e um rapaz do MST dedilhou algumas canções. Nesse dia, também toquei algumas músicas que falam do campo, como “Capim Guiné”, do Raul Seixas. Todos cantamos juntos e disseram que eu devia participar da mística. O comentário mostra o aspecto lúdico da mística e a experiência artística também como fruição. Os músicos do MST costumam tocar canções diversas do cancioneiro popular nacional e não apenas canções do MST. Contudo, músicas consideradas machistas ou muito “comerciais” não são bem vindas. No meio da sala de aula, havia diversos elementos que compõem a mística do MST.

A mística presente na sala de aula, com bandeiras, instrumentos e frutos do trabalho, reforça a identidade camponesa no processo de ensino-aprendizagem. É algo que possui seu aspecto positivo, tendo em vista a histórica supremacia da cultura citadina nas escolas brasileiras. Contudo, há o risco da cultura se sobrepor à educação universalizante e à linguagem da contradição, à linguagem da teoria crítica (DEBORD, 2003, § 204). A mística também foi evocada de forma bastante espirituosa: quando todos pareciam cansados da aula expositiva sobre Florestan Fernandes, uma moça pegou a cartilha de música “Canta MST” e começou a puxar uma canção junto aos colegas de sala, que acompanharam alongando seus corpos, e depois a aula transcorreu normalmente. Miguel usou o método expositivo e criou um mapa conceitual a partir do diálogo e debate com os alunos sobre a vida e a obra de Florestan Fernandes.

Após a aula sobre Florestan Fernandes, tivemos uma Oficina de Comunicação, que foi ministrada por Carlinhos, do MST de Belém. Ele é um dos 45 militantes que se formaram em Jornalismo da Terra, pela Universidade Federal do Ceará, no final de 2013. O curso foi uma parceria do MST com a Universidade Federal do Ceará. Também houve a participação de militantes do MAB. A oficina aconteceu no auditório “Patativa do Assaré” e foi baseada na leitura de documento do Setor de Comunicação do MST chamado “Hegemonia, política, comunicação e cultura” (MST, 2005). O fato histórico exposto para a aplicação da teoria desenvolvida no documento foi a ação das mulheres da Via Campesina, no dia das mulheres de 2006, quando protestarem contra o “deserto verde” das florestas de

eucalipto da Aracruz Celulose destruindo algumas mudas do horto florestal pertencente à empresa. Foi exposto um vídeo da Via Campesina para contrapor reportagem da Folha de São Paulo divulgada na época e que trazia o título “Mulheres depredam fábrica de celulose no RS”. A repercussão desse episódio na mídia burguesa prejudicou muito a imagem do MST junto a sua base e à sociedade. Na hora do debate, todos reconhecem o componente ideológico utilizado na comunicação, tanto do vídeo da Via Campesina, como do jornal “Folha de São Paulo”. As histórias de famílias inteiras que foram expulsas de suas terras pelos “desertos verdes” foram fatores de sensibilidade que não deixaram dúvidas para os militantes de quem era o vilão da história.

O assunto mais trazido pela militância dos movimentos sociais para aplicar os conceitos de hegemonia foi a telenovela. As mulheres todas criticaram a minissérie que estava em exibição pela Rede Globo, “Amor e Ódio” que, segundo elas, mostrava as mulheres como “vagabundas”. Toda a discussão foi muito fecunda. A reflexão crítica que fazemos é que poderiam ter usado mais exemplos de luta pela hegemonia popular que envolvesse os trabalhadores urbanos, com o intuito de gerar maior identificação de classe com a militância de movimentos urbanos participante do curso.

Significativo para a comunicação e socialização política da militância que participou do curso foi o momento de avaliação da experiência do período em que estiveram na ENFF: o tempo escola, tempo trabalho e as reflexões e orientações para os estudos durante o tempo comunidade. Durante o período da tarde, após o almoço, a militância reunida nos NBs se comunicou acerca do período em que estiveram na Escola.

A última atividade do dia foi a comunicação e socialização das experiências a partir da fala de um militante escolhido para relatar as reflexões de cada um dos NBs. Primeiramente, foi reforçada a importância da leitura e foram entregues aos participantes do curso cópias de contos do autor Jack London, *Como me tornei um Socialista*, *O mexicano* e *Fazer uma fogueira*, para serem lidos e socializados com a militância dos movimentos sociais durante o tempo comunidade. A militante do MST que coordenou este momento destacou a relevância da aproximação com a linguagem da literatura. O foco da leitura do texto é o trabalho de base durante o tempo comunidade. Quando retornarem para mais uma etapa de curso na ENFF, após o tempo comunidade, que dura em torno de três meses, cada militante terá a tarefa de se comunicar com o coletivo sobre as reflexões da leitura desenvolvidas durante o trabalho de base.

A segunda tarefa apresentada pela militante do MST, fazer as apresentações das organizações, veio da proposta de um dos NBs. O apontamento crítico evidencia que conquanto os diálogos entre a militância das organizações tenham ocorrido durante os cursos, durante o tempo trabalho e refeições, não houve um momento do curso de fato destinado para o intercâmbio entre as estratégias e princípios políticos das organizações. Contudo, a incorporação da tarefa foi feita a tempo de aprofundarem o diálogo político. Os militantes foram orientados a estudarem a sua organização, seus elementos culturais e políticos para posteriormente fazerem o processo comunicativo sobre este aprendizado. Foi destacado que esse é um desafio para o próprio MST: explicar o que é a organização, quais são seus objetivos e propostas políticas. Pelo próprio caráter do Movimento, esse discurso evolui conforme o momento histórico e político.

Outra orientação para a próxima etapa de tempo escola foi para as organizações trazerem elementos culturais regionais para presentear e agradecerem os professores parceiros, que vierem lecionar nos cursos, e para ornarem os espaços de aulas e místicas. O último ponto discutido na abertura das avaliações foi sobre as escolhas dos nomes dos NBs. Geralmente, a militância propõe o nome de um histórico militante político da esquerda, principalmente da América Latina, e cria uma palavra de ordem com base na história política deste militante. Entretanto, a militância também pode nomear o NB com base em uma data ou momento histórico, como Comuna de Paris, Revolta de Canudos, Contestado etc. Dentro de cada NB, um militante fica responsável por registrar a memória do curso por meio de imagens, vídeos e relatos. Após os cursos, o setor de memória desenvolve um arquivo em mídia com esses registros.

Considerações finais

A luta contra-hegemônica faz parte da luta pela hegemonia popular, mas esta não se resume à luta contra-hegemônica porque a luta pela hegemonia popular pressupõe a identificação, a comunicação e a aliança política entre as organizações do campo popular no processo de luta pela hegemonia. A origem do conceito de hegemonia está no processo político de construção da aliança de classe entre o proletariado e os camponeses no processo de revolução russa. Tanto Lênin como Gramsci destacaram a aliança política das classes populares, entre o proletariado e o campesinato eminentemente, no processo de luta pela hegemonia. A elaboração de um projeto popular não pode prescindir da recuperação do conceito original de hegemonia. Há banalização do conceito de contra-hegemonia, tanto por

parte de pesquisadores como por militantes políticos. Se considerarmos qualquer narrativa, leitura ou processo de recepção críticos como contra-hegemônicos, temos o grande arquipélago do bloco de poder, em que pequenas ilhas de contra-hegemonia não ameaçam a ordem social hegemônica. Essas ilhas de contra-hegemonia se mostram incapacitadas para superar o bloco de poder, porque divididas e cercadas por um oceano que desconhecem, sem conseguirem se comunicar umas com as outras porque não se identificam e não utilizam a mesma linguagem. Por isso destacamos a perspectiva da luta pela hegemonia popular, o processo de comunicação das classes populares, do reconhecimento acerca da situação de comarginalidade, que pode proporcionar o engendramento de uma linguagem comum, da comunicação política emancipatória. A mediação crítica e comum da luta pela hegemonia é possibilitada pela linguagem da contradição, pela teoria crítica, pela fricção intercultural dos movimentos populares, o que pode desvelar os contrários, a unidade da diversidade que compõe a totalidade. A aliança política e de classe que sustenta o bloco de poder não pode ser ameaçada se os diversos núcleos de luta com potencial contra-hegemônico permanecerem insulares, contra-hegemônicos circunscritos ao seu território espacial e semântico, portanto sem alcançar a lógica e a concretude da totalidade, sem serem de fato contra-hegemônicos.

A comunicação e socialização política entre movimentos sociais do campo e da cidade são incipientes. Esse é um nível de luta pela hegemonia que se fortalece à medida que a classe trabalhadora luta em conjunto, quando se reconhecem como aliados e identificam inimigos comuns a serem combatidos. A comunicação que se desenvolve na luta e na interação política é a que realmente comunica, ou seja, que torna comum, que gera reconhecimento e identificação. Em grande medida, a comunicação do MST e também dos principais movimentos populares possui função defensiva, a intenção de desconstruir o discurso da mídia burguesa e menos a intencionalidade de se comunicar com outros setores e organizações populares. Dessa maneira, o potencial contra-hegemônico dessa comunicação política é limitado pelo seu caráter insular, pela circunscrição ao seu território de luta e à sua função defensiva.

A ENFF possui potencial para ser esse espaço de construção da hegemonia popular por meio da sociabilidade entre os movimentos sociais, pela produção simbólica comum e pela educação universalizante, porém é um espaço em que prevalece a hegemonia política e a cultura do MST, com pouca participação de movimentos populares urbanos bastante representativos, sejam ligados às lutas por moradia, centrais sindicais e organizações

estudantis. Há maior diálogo entre os movimentos sociais que compõem a Via Campesina, mas estes não possuem participação massiva e comunicação junto a outros movimentos populares e instâncias representativas do ambiente urbano.

A classe trabalhadora não pode desistir do Projeto Popular para o Brasil. Esse projeto só terá êxito se houver um trabalho de base consistente e se a classe trabalhadora de fato construir a consciência política no processo de luta, nas alianças, diálogos e arranjos sociais que ocorrem e se fortalecem na vida cotidiana. Além dos processos de formação e socialização política, há movimentações na vida cotidiana, aproximações no processo de luta que podem criar a “liga”, o “cimento” para ganhar forma esse projeto a partir da base, da terra, do chão.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Pablo Nabarrete. **Marcha dialética do MST: formação política entre campo e cidade**. 2015. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-29062015-151022/>>. Acesso em: 2016-02-11.
- CERTEAU, M. de; JULIA, D.; REVEL, J. **A beleza do morto: o conceito de cultura popular**. In: REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Lisboa: Difel, 1989.
- DEBORD, Gui. **Sociedade do espetáculo**. eBookLibris, 2003.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- MST, Setor Nacional de Comunicação e Coletivo Cultura do. **Hegemonia, Política, Comunicação e Cultura**. Brasília, 2005.
- MST. **Campanha de Construção da Escola Nacional do MST**. Caderno de Formação nº 29, 1998.
- PIZZETA, Ana Maria Justo. **A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES: UM PROCESSO DE FORMAÇÃO EFETIVO E EMANCIPATÓRIO**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – MG; ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES – ENFF, 2005.
- WILLIAMS, Raymond. **Base e estrutura na teoria cultural marxista**. Revista USP, São Paulo, n. 65, p. 210-224, mar.-maio 2005.

